

ficha técnica

PROPRIEDADE
Movimento da Escola Moderna

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Açúcar, 22-B
1950-008 Lisboa
Tel. 218 680 359
e-mail: mem@mail.telepac.pt

DIRETOR
Sérgio Niza

COORDENAÇÃO
Francisco Marcelino Pereira
Filomena Serralha

REDAÇÃO
Clara Felgueiras
Graça Vilhena
Inácia Santana
Ivone Niza
Joaquim Segura
Júlia Soares
Júlio Pires
Manuela Castro Neves
Pascal Paulus

DESIGN GRÁFICO
Fernando Felgueiras

PAGINAÇÃO
Jorge Belo

IMPRESSÃO
Estúdio Gráfico 21 – Artes Gráficas, Lda.

sumário

	3	
Editorial		<i>Sérgio Niza</i>
	5	
A Investigação-ação como instrumento mediador na formação		<i>Luís Mestre</i>

Tiragem: 1750 Exemplares
Periodicidade: 3 números por ano
Depósito Legal 107 975/81

Os artigos assinados são da exclusiva
responsabilidade dos seus autores.
Os trabalhos publicados na ESCOLA
MODERNA podem, em princípio, ser
transcritos noutras publicações desde
que se indique a sua origem e autoria.
No entanto, é preciso um pedido
de autorização para cada caso.

Editorial

Sérgio Niza

Em torno da investigação formadora

No número temático deste ano, a nossa revista acolhe uma parte do trabalho de dissertação de mestrado de Luís Mestre.

Dá-nos conta de duas acções de formação constituindo a primeira (2007/2008) uma fase preparatória do projecto de formação de 2008/2009, mais formalizado e orientado academicamente para as provas de dissertação em que então trabalhava.

Acentuou por isso a importância do método de investigação-acção que, como formador-investigador compartilhou com os companheiros formandos. Significa, portanto, que o método constituiu, ou procurou constituir, neste contexto, o verdadeiro operador da formação, isto é, o instrumento intelectual mediador da mudança profissional e dos seus efeitos, as práticas educativas em aperfeiçoamento.

Fê-lo, tendo que confrontar-se à partida com uma complexa teia de conceitos activadores quer do trabalho de formação docente, quer do trabalho de educação, homólogos na cultura do MEM, mas agindo numa interacção dialéctica que desencadeia a dinâmica evolutiva. É isso que obriga a que as concepções ou perspectivas (o pensamento dos professores) busquem constantemente a máxima congruência com a acção possível e esta, com novas e mais adequadas concepções para o seu aperfeiçoamento. E assim sucessivamente.

Trata-se, portanto, de um trabalho ousado e em desmesura para tão limitado tempo. Não satisfeito com o desafio, quis ainda revalorizar

na organização deste projecto de formação a estratégia isomórfica de transferência práctico-cognitiva que caracteriza teoricamente a autoformação cooperada no MEM. Por isso, procurou aperfeiçoar a estrutura da acção de formação sujeita a uma investigação formadora, dando-lhe mais coerência e subdividindo os módulos temáticos de formação em subprojectos de pesquisa, dividindo a turma em grupos de trabalho cooperativo para esse fim.

Tudo pretendeu que fosse monitorizado e criticamente reflectido: a acção formadora, tal como as práticas educativas dos docentes formandos.

Um vasto conjunto de suportes de registo serviu de meio à recolha de um caudal imenso de informação. A plataforma *moodle* completou a base documental de apoio. A produção de um diário e outros produtos textuais alimentaram tão esforçado processo.

Neste número temático, para além da descrição dos procedimentos da formação e dos seus suportes de monitoragem, dispomos de um conjunto de depoimentos avaliativos de cinco formandos e das explicações e interpretações do investigador-formador, bem como de um outro conjunto de interessantes sugestões e reacções que nos ajudam a tomar melhor consciência de como poderemos aperfeiçoar e tornar mais coerente o nosso trabalho de formação no MEM.

Dispomos ainda de algumas indicações preciosas sobre a incompletude das nossas práticas pedagógicas e dos riscos de cristalização e

esvaziamento de alguns procedimentos de mediação educativa, que, por mais complexos e subtis, maior atenção deverão merecer ao desenvolvimento da nossa profissionalidade.

O maior alcance deste ousado trabalho do Luís, para além do muito por haver que lhe não meterá medo, é o pôr-nos, com respeito por ele, e por nós todos, a discutir os sinais para que nos alerta e a estimular-nos para que continuemos os desafios que aqui nos deixa.

É a altura de aprofundarmos, de forma conjugada, o conhecimento sobre dois aspectos fundamentais para prosseguirmos o rumo que traçámos.

Por um lado, retomarmos algum estudo sobre a importância da investigação-acção no domínio teórico que privilegiamos no labor intelectual – a perspectiva sociocultural e os seus estudos.

Seria bom trabalharmos cooperativamente, desde já, em torno de uma síntese histórica, muito fluente e bem informada que o livro de Lídia Máximo Esteves (2008) constitui, *Visão panorâmica da investigação-acção*, da Porto Editora.

Por outro lado, ter-se em conta uma reflexão a fazermos sobre o extenso potencial da escrita no desenvolvimento profissional dos professores, enquanto profissionais intelectuais.

Convém, para tal, distinguir dois tipos de

produção e desempenho da escrita, portadores de potenciais diferenciados de desenvolvimento e implicação social: a escrita que desempenha uma função operacional, como a utilizada no quotidiano profissional ou mesmo nos diários docentes, e aquela que realiza uma função de empenho público e de intervenção social, como a produção de textos, também eles profissionais (relatos, ensaios, artigos), sujeitos a publicitação. Esta outra escrita impõe regras e formatos que carregam aprendizagens e conduzem a descobertas de nós e do nosso trabalho intelectual, às vezes com um alcance insuspeitável.

É altura de pensarmos em novos instrumentos intelectuais que nos poderão fazer ir mais longe a cada passo do desenvolvimento profissional. É o caso, por exemplo, da *pesquisa narrativa*¹, um percurso já do século XXI e que nos vai ser útil para o que temos por fazer. Vem ligar-se à nossa pioneira tradição dos *relatos de práticas* que a partir de olhares diversos (mais narrativos, mais investigativos ou mais experienciais), teremos de reconduzir aos ensaios sobre relatos e pensamento narrativo de Jerome Bruner² que urge rearticular com o que fazemos hoje e sobre o que importa que venhamos a fazer na aventura incansável por uma profissão comprometida que queremos reconfirmar.

¹ Clandinin, D.J. & Connelly, F.M. (2000). Narrative Inquiry. Experience and story in *Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass.

² Bruner, J. (2002). *Pourquoi nous racontons-nous des histoires?* Paris : Retz.